

## O Perfil Crítico de Ricardo Ramos na Coluna Literatura do Jornal *Última Hora* no ano de 1961<sup>1</sup>

João José ALENCAR<sup>2</sup>  
Aroldo José Abreu PINTO<sup>3</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, MT

### Resumo

O presente artigo visa mostrar os resultados parciais de pesquisa desenvolvida junto ao Projeto “Organização do acervo de Ricardo Ramos” – CNPq (2007-2009) e UNEMAT – PRPPG (2010-2012) a partir dos textos publicados na coluna Literatura do jornal *Última Hora*, de autoria do jornalista-escritor Ricardo Ramos. Que envolve a problemática do livro, as Instruções 204 e 208 e toda a questão política que marcaram o ano de 1961. O estudo ainda analisa os gêneros jornalísticos utilizados na escrita do colunista, descreve os principais acontecimentos com o intuito de uma análise da crise desenvolvida ao longo do ano sobre o mercado livreiro, a postura crítica de Ramos contra os altos preços dos livros e falta de um posicionamento contundente por parte de alguns escritores, que se mantinham inertes a situação.

**Palavras-chave:** Ricardo Ramos; Instruções 204 e 208; Política; Gêneros Jornalísticos; Crise do Livro.

### Introdução

Ricardo Ramos nasceu em Palmeira dos Índios (AL) no dia quatro de janeiro de 1929, período em que seu pai Graciliano Ramos exercia o papel de prefeito da cidade. Iniciou seus estudos em Maceió (AL), no entanto aos quatorze anos partiu para o Rio de Janeiro, e aos 15 começou a sua trajetória no jornalismo. No final dos anos 40, com aproximadamente 20 anos, teve seus primeiros contos publicados em revistas e suplementos literários.

Na vida acadêmica, Ramos cursou Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Guanabara do Rio de Janeiro, mas nunca exerceu a profissão. Durante esse período dedicou-se à propaganda, uma das suas paixões, que deu novos contornos para sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo - VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social com hab. em Jornalismo, email: jjaspc@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor dos Curso de Licenciatura em Letras da UNEMAT- MT, email: aroldoabreu@uol.com.br

vida, e resultou na sua transferência para São Paulo, onde morou até 1992. Por mais de trinta anos, fez residência em São Paulo, e nesse período, esteve engajado em causas sociopolíticas.

Em sua trajetória foi escritor, jornalista, publicitário, professor de Comunicação e teve grandes responsabilidades em projetos junto a grandes empresas, como por exemplo, o megaevento "Bienal Nestlé de Literatura", em todas as suas edições.

Como jornalista, Ricardo Ramos publicou críticas nos grandes periódicos da época e assinou a coluna Literatura no jornal *Última Hora*, no período de 1958 á 1962, em edições semanais, tendo como principio apresentar os acontecimentos no meio literário no Brasil e no mundo, dando ênfase aos lançamentos de livros, eventos, opinião de literários, dentre outros assuntos.

A coluna trazia em seu corpus, quatro seções: a primeira era composta por uma crítica referente a um livro ou um fato em evidência a respeito da literatura e tinha caráter opinativo, já que sempre era composta por comentários de Ricardo Ramos e trazia em seu texto, uma visão individual e argumentativa a respeito da literatura; em sequencia trazia a seção Mosaicos, com caráter informativo e que apresentava pequenas notas com informações e discussões do circuito literário; já a seção De Olhos no Mundo apresentava os fatos mais relevantes em evidência em outros países ou notícias sobre visitas e lançamentos de livros de autores de outra naturalidade no Brasil e também possuía caráter informativo; e para completar havia ainda a seção Recortes, em que Ricardo Ramos expunha a opinião de outros autores a respeito de um fato ou um livro utilizando fragmentos da fala desses autores, o que faz dessa seção pertencente ao gênero opinativo.

Através dos fatos expostos fica claro que Ricardo Ramos buscava em sua coluna mesclar dois gêneros do jornalismo: o informativo (seção Mosaicos e De Olhos no Mundo) e opinativo (através da critica principal e da seção Recortes). Com isso, o jornalista conseguia informar sobre os fatos mais importantes a respeito da literatura e a partir da sua bagagem cultural e de uma experiência representativa no mercado editorial - que teve inicio desde a infância através de sua referência paterna - credenciar-se junto aos leitores do jornal *Última Hora* como um formador de opinião no universo literário brasileiro.

Tendo como base a coluna Literatura, mais propriamente os textos publicados no ano de 1961 e que se constituem em 19 documentos - disponíveis no projeto “Organização do acervo de Ricardo Ramos”, financiado pelo CNPq, que se encontra na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Alto Araguaia, e que tem como

coordenador o Dr. Aroldo José Abreu Pinto – dá-se início à análise que tem por intuito entender o papel social do jornalista Ricardo Ramos na coluna Literatura.

### **1961: As perspectivas e problemas do mundo literário retratado na coluna Literatura de Ricardo Ramos**

O ano de 1961 foi marcado pela posse no dia 31 de janeiro de Jânio Quadros como presidente do Brasil e por sua renúncia em 25 de agosto do respectivo ano. Um dos marcos do seu governo foi à defesa de uma política externa independente, que culminava na soberania nacional. Entre os fatores negativos destacava-se a implantação de uma política econômica severa ditada pelo FMI, que restringia o crédito e congelava salários. Com sua renúncia, assumiu o poder, o vice João Goulart, que sofreu resistência por parte da esquerda, e só tomou posse com a condição de que instituiria no país o parlamentarismo e mudanças na Constituição de 1946, que diminuiu as prerrogativas do presidente e criava a figura do primeiro ministro.

Dentro desse contexto político brasileiro, o crítico literário Ricardo Ramos utilizou o espaço de sua coluna *Literatura* do jornal *Última Hora*, não só para informar o leitor sobre o mercado literário da época, mas também para se manifestar sobre assuntos relacionados a leitura que envolviam educação, política e economia, sempre tendo como apelo, o lado social, já que defendia a idéia de que todos deviam ter acesso a leitura, independente da classe social a que pertencesse.

Em estudo prévio sobre os textos publicados na coluna Literatura, no ano de 1961, percebe-se que Ramos buscava em sua coluna, seja através de uma nota ou uma crítica mais profunda, apresentar problemas recorrentes e de caráter social que envolvia questões como alta de preços de livros, falta de acesso à leitura por classes sociais menos favorecidas, descaso de literários com preocupações nacionais que envolviam a leitura e ausência de articulações políticas para resolver problemas relacionados à distribuição de livros, entre outros fatores.

Dentre os textos da coluna Literatura, disponíveis no acervo do escritor, publicados no mês de janeiro de 1961, resultam três arquivos. Nota-se que nesse período, a escrita de Ricardo Ramos possui um tom mais *light*, quando o assunto se referia à relação entre política e literatura. Assim o escritor não batia de frente com problemas referentes ao setor político, mas utilizava o seu espaço para criticar um problema recorrente no universo

literário da época em que escritores utilizavam de eventos como tarde e noite de autógrafos com o intuito de se promover, colocando-se acima da própria obra. Por isso no dia 14 de janeiro de 1961, Ramos utilizou a seção Mosaicos, para dar ênfase ao pensamento do editor Sávio Antunes sobre esse assunto.

No Rio, segundo registra uma coluna especializada, o editor Sávio Antunes confessou que as tardes e noite de autógrafos não vendem livro. A mesma notícia tenta apresentar essas iniciativas como promoção de vendas e tenta ainda fazer "blague", esconder uma verdade que já ninguém mais discute. Excetuam-se, é claro os escritores que não desejam sair dessas notinhas litero-sociais. (RAMOS, 1961, sem paginação)

No entanto, no dia 25 de fevereiro de 1961, Ricardo Ramos assumiu diante do seu leitor uma postura mais direta e colocou em francas palavras no texto “Livros: um problema” a situação complicada que as editoras estavam enfrentando para conseguir distribuir suas obras para estados brasileiros mais longínquos, enquanto os escritores mantinham-se neutros sobre o assunto. Ramos (1961, sem paginação) afirmou “Há mais problemas entre o leitor e o livro do que pode imaginar a fauna da tarde de autógrafos”.

A partir de uma conversa com o editor Martins, que teve problemas em uma remessa de livros para o Pará, Ramos apurou o caso e apresentou os motivos que estariam criando complicações na distribuição de livros, inclusive, os didáticos, por todo o território nacional.

Entre as formas de distribuição de livros, encontravam-se duas possibilidades e ambas possuíam problemas na sua execução: a primeira seria através de aviões que conseguiriam entregar os livros de maneira rápida e com maior eficácia para estados de difícil acesso, como por exemplo, o Pará. O problema era que os aviadores não recebiam subvenção do governo e por isso cobravam preços mais altos, o que na concepção de Ramos não tinha fundamento já que o livro didático tinha papel essencial para o desenvolvimento da educação no país; a segunda alternativa seria através dos Correios, que levaria considerável tempo para se fazer a entrega dependendo do estado a qual se pretendia enviar o pedido, para se mandar de São Paulo para o Pará, o prazo era de oito meses para entrega, o que provocaria um atraso com grandes prejuízos.

Entre março e abril de 1961, trouxe a tona uma questão que precisava ser tratada com os melhores cuidados, a Instrução 204. Lançada em 1961, como uma forma do governo de Jânio Quadros controlar a infração, a mesma teve como medidas a compressão dos salários, a contenção do crédito e o fim dos leilões de câmbio, o que causou no mercado

livreiro um duro golpe, fazendo com que as editoras se vissem obrigadas a conter gastos, elevando o preço dos livros e diminuindo a quantidade de lançamentos previstos para o ano.

Essas medidas ocorreram pelo fato de que nessa época o Brasil não possuía um setor forte na fabricação de papel, sendo assim as editoras tinha que exportar papel de outros países. Com as medidas adotadas pelo governo federal, o valor do câmbio sobre exportações aumentou de forma considerável, o que na prática fez com que o papel que antes representava 17,5% no custo em relação ao valor do livro passasse a 33% o que significou um acréscimo de 40 a 50% do preço do livro, dependendo da sua tiragem. Em meio a esses acontecimentos, os editores se uniram e foram em busca de uma solução junto ao governo federal, tendo como contra partida um documento que salientava os principais problemas oriundos dessa situação desordenada em que se encontrava o livro no país.

No dia 15 de abril de 1961, expondo o título “O livro e a Instrução 204”, Ramos expôs de forma contundente, dados que incluíam valores, estatísticas e trechos do documento feito pelos editores nacionais, que propunham medidas para diminuir os prejuízos derivados da Instrução 204, em especial, sobre o livro didático. Em um dos trechos, Ramos, explorava os principais problemas que o custo elevado das importações, no caso, do papel, causava sobre o país e que estavam sendo salientado pelos editores em documento entregue ao ministro da Educação e Cultura.

[...] a nossa alta porcentagem de analfabetismo restringe a circulação do livro, impondo pequenas tiragens e impedindo a efetiva democratização da cultura; o livro jamais conseguiu dos poderes públicos qualquer financiamento, como os concedidos a setores da agricultura e da indústria; ao parque gráfico nacional é deficiente e obsoleto, uma vez que as empresas editoras jamais tiveram facilidades para ampliá-lo e modernizá-lo: a precariedade dos nossos meios de transportes agrava ainda mais a limitada difusão do livro, forçando também os editores a uma inversão de capital a longuíssimo prazo. (RAMOS, 1961, sem paginação)

Diante da difícil crise em que o país se encontrava, Ramos buscou de forma jornalística apresentar os fatos, fazendo uso de devida apuração e expondo sua opinião com bom embasamento, oriundo de seu conhecimento da situação política e econômica do país e do conhecimento das leis. Em uma análise de sua escrita, percebe-se uma carga ideológica, que mostrava uma clara preocupação em disseminar a leitura pelo país e acabar com problemas que nessa época eram em quantidade preocupante, como o caso do analfabetismo.

O caráter social dos seus textos denota seu engajamento como jornalista e a influência de seu pai. Graciliano Ramos por defender causas populares conquistou muitos

inimigos, tanto que chegou a ser preso durante onze meses, devido a intrigas feitas por pessoas que desejavam o posto de Graciliano Ramos no governo alagoano, como conta Berriel em entrevista ao jornal da Unicamp.

Logo depois da Intentona de 35, houve um movimento de caça às bruxas, de gente que queria acertar as contas com seus desafetos, diziam que eram comunistas e acabavam presos. Graciliano foi preso depois de ser denunciado como comunista. Mas só ingressaria no PCB em 1945. Mas toda essa polêmica foi deflagrada por gente que queria ocupar seu cargo nos escalões do governo alagoano. (BERRIEL apud FAVA, 2003, pag. 08)

Dentro do espaço do jornal *Última Hora*, em meio a notas sobre o mercado literário e críticas sobre livros, percebe-se que Ramos procurou posicionar-se contra a situação em que o livro se encontrava no Brasil. Mas seus textos não discorriam apenas sobre o lado negativo da crise, também deram ênfase ao fato do governo montar o Conselho Nacional de Cultura que tinha entre os seus integrantes grandes literários, e que em sua opinião, tinha os méritos necessários para contornar a problemática do livro, além de elogios as formas que algumas editoras encontraram para enfrentar a crise.

Pode-se ver esse posicionamento diferenciado na resenha “Boa Leitura” do dia 17 de junho de 1961, em que destacou o trabalho da editora de mesmo nome. Vista como novidade no mercado editorial, a mesma deu início aos seus trabalhos em meio à crise, recebendo boas críticas por ser destacar no ramo ao lançar vários títulos de autores de renome no âmbito nacional e internacional, com tiragens acima de 20.000 exemplares. “Para a ‘Boa Leitura’, o problema se resolveu com folhetos, avulsos, cartas e anúncios, que produziram um fichário de 50.000 pessoas dispostas a comprar seus livros” (RAMOS, 1961, sem paginação). Ramos destacou o trabalho de divulgação feito pela editora que conseguiu através de folhetos angariarem mais leitores, estabelecendo um público alvo e por publicar obras literárias em grande escala conseguiu baratear os custos de produção e diminuir o preço dos livros.

No dia 22 de julho de 1961, voltando a problemática do livro com o texto “O festival da 208” reiterou aos leitores a situação do mercado livreiro, expondo que com as Instruções 204 e depois com a 208, o problema se agravou e o livro em pouco tempo já havia subido três vezes e que diante disso a única saída que se encontrava para minimizar os prejuízos causados as editoras era o governo conceder uma subvenção oficial aos editores.

Ainda no texto, criticou o aumento do preço do livro, tendo como exemplo, a escritora Clarice Lispector que havia acabado de lançar o livro “Maça no escuro” e que por causa da crise estava a custar 980 cruzeiros, diminuído consideravelmente o acesso de leitores a obra. Dentro desse contexto, afirmava que era de se esperar protestos, artigos em jornais e comícios por parte dos escritores, mas contrariando as expectativas, aparentavam estar conformados e se organizavam para um grande festival, que receberia o presidente Jânio Quadros não para discutir uma solução para por fim ao problema e sim como convidado especial.

Nessa mesma coluna, Ramos apresentou dados do Japão que no ano de 1960, quando a crise já pulsava entre os brasileiros, apresentava um aumento de 7,13% em sua produção, alcançado a marca de 211 milhões de exemplares de livros publicados e 1.088 milhões de tiragens de revistas impressas. Para completar na seção *Recortes*, conclui a sua linha de pensamento, expondo o comentário de Mário Graciotti:

Sem livros, ou com livros de preços proibitivos, não poderemos nunca alcançar os objetivos reservados às grandes nações. O preço elevado dos livros, em geral, afastará leitores, dificultará o ensino, extinguirá as bibliotecas, apagará a cultura e deformará a consciência política do País, tornando-nos, apenas e miseravelmente, tributários (RAMOS, 1961, sem paginação).

Depois de uma ampla discussão sobre a crise do livro e de ter exposto a sua opinião sobre o caso amparado em dados concretos, Ricardo Ramos vinha na seguinte semana, no dia 29 de julho com um discurso mais brando, inclusive, inserindo o nome certo do evento no qual apelidara de “festival da 208” na semana anterior, e que na verdade se chamara “II Festival do Escritor”.

Sobre o evento, Ramos fez uma descrição dos principais acontecimentos e considerou como razoável a ausência de Jânio Quadros, destacou a segunda edição como superior a primeira e colocou de forma sutil o preço dos livros como fator negativo. Para finalizar sua coluna trocou a seção *Recortes* pelo texto “Boas Novas do livro”, no qual se percebe os motivos da quebra do seu discurso, pois trazia notícia sobre o posicionamento do presidente que permitia aos editores certo alívio em relação à problemática do livro.

[...] o Sr. Jânio Quadros determinara o congelamento das tarifas postais para a remessa de livros, Agora, revela-se que o presidente da República, encaminhando as sugestões dos editores ao Ministério da Fazenda, recomendou a criação de uma carteira no Banco do Brasil para o financiamento da atividade editorial (prazos mais longos que os normais) e a subvenção oficial para a compra do papel destinado a indústria livreira. (RAMOS, 1961, sem paginação)

Na coluna do dia 22 de julho de 1961, na seção *Mosaico*, Ramos havia usado como exemplo ilustrativo da crise do livro, Clarice Lispector e seu livro de 980 cruzeiros “Maçã no Escuro”, já no dia 12 de agosto, a crítica permanecia, mas vinha com um novo direcionamento, dessa vez, o alvo eram os críticos literários.

Na crista da onda, os colunistas em seus velados protestos abafam o exame do livro, esquecem muitas vezes de colocar o problema em termos razoáveis. O romance é caro, certamente; mas é um grande romance, de uma escritora que se inclui entre os valores mais altos da nossa literatura contemporânea. (Ramos, 1961, sem paginação)

No dia 25 de agosto o presidente da república, Jânio Quadros, anunciava a sua renúncia sobre o seguinte argumento: "Fui vencido pela reação e assim deixo o governo [...] Se permanecesse, não manteria a confiança e a tranquilidade, ora quebradas, indispensáveis ao exercício da minha autoridade" (QUADROS, 1961, sem paginação). Diante disso, os militares tentaram impedir a posse do então vice-presidente João Goulart, conhecido popularmente como Jango, sobre o argumento de que o vice de Quadros era comunista. No entanto, graças ao grupo de resistência liderado por Leonel Brizola, João Goulart pode no dia 07 de setembro de 1961 assumir a presidência, diante de certas condições impostas pelo Congresso Nacional, entre elas: diminuir os poderes do presidente, instaurando no Brasil o sistema de governo parlamentarista, no qual, passou a ter Tancredo Neves como primeiro ministro.

Após a renúncia de Quadros, mas precisamente no dia dois de setembro de 1961, quando ainda não se dava como certeza, os rumos que o país tomaria, Ricardo Ramos dedicou todo o espaço da sua coluna para divulgar o texto “Tema Didático”, de sua própria autoria. O texto tratava sobre como o desenrolar dessa situação poderia interferir nos rumos da história do país. Destacou como toda a discussão em torno desse momento histórico unia diferentes segmentos da sociedade em torno de uma análise consciente e amadurecimento político no entendimento de toda a situação. Apresentou na íntegra o texto que a UBE (União Brasileira dos Escritores) lançara em repúdio à tentativa de um golpe militar que alteraria drasticamente a Constituição, declarando apoio a João Goulart, sobre a prerrogativa que esse apoio vinha em defesa das Instituições e do quadro legal da Nação. Encerrando o seu texto, Ramos colocou como louvável a manifestação da UBE, indo de contrário há uma premissa instalada, em que escritores omissos se tornavam comuns no mundo literário.

No entanto, quando já se vai fazendo comum o tipo do escritor omissos, propenso às embaixadas ou comissões oficiais, refugiado em ilhas,



estrelas e conchas, é conveniente frisar a existência de outros padrões alheios à chamada vida literária. A margem é que se encontram os levianos, trêfegos, desfrutáveis. O que há de verdadeiro são estes que se manifestam assim, que mais tarde poderão falar em cultura, porque não cederam, não se calaram, não aderiram ao que representa a sua negação. (RAMOS, 1961, sem paginação)

Com a posse do governo Jango e a situação política do país, voltando a ter maior tranquilidade, Ricardo Ramos dedicou um curto espaço no dia 09 de setembro de 1961 para fazer uma observação sobre como toda a situação prejudicou a problemática do livro que encaminhava para uma solução e pediu providências imediatas por parte do governo.

Ainda não sabemos se os atuais dirigentes da ação pretendem insistir em comissões especializadas, grupos de trabalho, nas tantas bossas mais ou menos recentes. De qualquer forma, já que enveredamos por esse caminho, lembremos o memorial dos editores, enviado ao Ministério da Fazenda, cerca de um mês atrás. E aos novos governantes, que herdaram a questão difícil de resolver, fica o lembrete: não se pode falar em programas que objetivem educação e cultura, enquanto o livro estiver a preços proibitivos para o grande público. (RAMOS, 1961, sem paginação)

Durante todo o ano de 1961, através de uma análise da coluna *Literatura*, percebemos que o escritor Ricardo Ramos, conhecido por suas obras literárias utilizou o seu lado escritor para falar como jornalista, através de metáforas bem articuladas e de fácil entendimento, posicionou-se contra o aumento de preço das obras literárias e a dificuldade de acesso por parte da comunidade mais pobre a um item que a seu ver era uma necessidade, o livro. Já que as consequências da falta de condições para levar a leitura a todos os brasileiros, trazia uma situação desfavorável no processo de difusão da cultura no país.

### **Considerações Finais**

Através dos textos de Ricardo Ramos, na coluna *Literatura*, foi possível assimilar do ponto de vista literário as principais questões que envolveram a nação no ano de 1961, que entre os seus acontecimentos, teve a posse e renúncia do presidente da república, Jânio Quadros; medidas econômicas drásticas em adesão a sistema imposto pelo FMI, como forma de controle da infração; tentativa de um golpe militar para impedir João Goulart de assumir a presidência; implantação do sistema de governo parlamentarista que diminuía consideravelmente o papel do presidente e criava a figura do primeiro ministro.

Analisando os textos publicados, verifica-se que o escritor Ricardo Ramos executou de forma categórica a função de jornalista ao apurar os fatos e publicar dados que davam consistência a sua argumentação, além de ter em seu texto um apelo social, ao lutar por condições que permitissem a todos o acesso a leitura. Destacando-se de forma interessante o fato de que em muitas ocasiões, Ricardo Ramos utilizou o seu lado escritor, usando recursos linguísticos, como o uso de metáforas, para dar uma estética textual e proporcionar uma leitura mais interessante, conseguindo intercalar dois gêneros jornalísticos, o informativo e opinativo com os recursos de linguagem oriundos da literatura.

Quanto aos gêneros jornalísticos, José Marques de Melo é referência quando o assunto se trata de gêneros jornalísticos, e traz no livro *Jornalismo Opinativo - gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* (2003, p.65) uma proposta que consiste na composição da categoria jornalismo informativo, em nota, notícia, reportagem e entrevista, enquanto a categoria do jornalismo opinativo teria como componentes o editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta, partindo da seguinte premissa:

Os gêneros que correspondem ao universo da informação se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações). Já no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião) (MELO, 2003. P.65)

Por isso podemos dizer que as pesquisas feitas dentro da coluna Literatura no ano de 1961, permitem entender um momento histórico importante para o país, a partir da visão de um jornalista e literário com boa visão política e que teve como uma de suas ideologias a defesa da democratização da cultura e o acesso a leitura, em uma época que tinha uma grande quantidade de analfabetos distribuídos pelas regiões mais pobres do país. Além disso, é interessante frisar que Ricardo Ramos ao contrário de muitos escritores da época, manifestou-se contra aquilo que achava injusto e manteve uma postura firme em seus posicionamentos.

### **Referências bibliográficas**

FAVA, Antônio Roberto. 50 anos sem a prosa seca de Graciliano. **Jornal da Unicamp**. São Paulo, 12 a 18 de maio de 2003. Edição 212, p. 8. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/maio2003/ju212pg9a.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2003/ju212pg9a.html)>. Acesso em: 02 maio 2011.

LOUREIRO, Felipe Pereira. Relativizando o Leviatã: Empresários e Política Econômica no Governo Jânio Quadros (jan - ago / 1961). In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 36, 2008, Salvador. **Anais...** ANPEC: Salvador, 2008. Disponível em <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807151840520-.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

MELO, J. M. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

QUADROS, Jânio. **Carta renuncia de Jânio Quadros - agosto de 1961**. Disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/cartas/855183>>. Acesso em: 02 maio 2011.

RAMOS, Ricardo. A ciranda e a rosa. **Última Hora**. São Paulo, 14 jan. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Raiz amarga. **Última Hora**. São Paulo, 21 jan. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Terra de Caruaru. **Última Hora**. São Paulo, 28 jan. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Escritores brasileiros contemporâneos. **Última Hora**. São Paulo, 04 fev. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Livros: um problema. **Última Hora**. São Paulo, 25 fev. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Diário da morte. **Última Hora**. São Paulo, 25 mar. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Alem dos marimbus. **Última Hora**. São Paulo, 01 abr. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Absalão e o rei. **Última Hora**. São Paulo, 08 abr. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. O livro e a Instrução 204. **Última Hora**. São Paulo, 15 de abr. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Jornal literário. **Última Hora**. São Paulo, 06 maio 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Boa leitura. **Última Hora**. São Paulo, 17 jun. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Um livro e um prefacio. **Última Hora**. São Paulo, 08 jul. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. O festival da 208. **Última Hora**. São Paulo, 22 jul. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Boas novas para o livro. **Última Hora**. São Paulo, 29 jul. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Dostoievski; obras completas. **Última Hora**. São Paulo, 05 ago. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Trapiá. **Última Hora**. São Paulo, 12 ago. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Tema didático. **Última Hora**. São Paulo, 2 set. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Literatura. **Última Hora**. São Paulo, 9 set. 1961. Coluna de Literatura.

\_\_\_\_\_. Teixeira moleque. **Última Hora**. São Paulo, 11 nov. 1961. Coluna de Literatura.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.